

SUSTENTABILIDADE: UMA ABORDAGEM DA ECOLOGIA À PSICOLOGIA ECONÔMICA*SUSTAINABILITY: AN ECOLOGY APPROACH TO ECONOMIC PSYCHOLOGY*

Andresa Graciela Wagner¹
José Roberto Altoff²

RESUMO

Este trabalho contemplou intervenções em um grupo de jovens do Projeto Pescar na cidade de Blumenau, Santa Catarina, realizadas no período entre setembro e dezembro de 2011. Os conteúdos trabalhados exploraram a sustentabilidade, abordando saúde e bem-estar humano, psicologia econômica, pensamento sistêmico e economia ecológica. Discutir a sustentabilidade pela perspectiva do bem-estar humano, considerando o comportamento do indivíduo diante de decisões econômicas que desencadeiam aspectos sociais e ecológicos representou o objetivo geral. Levantou-se o perfil do estilo de vida - EV - da turma por meio do Pentágono do Bem-Estar - PBE. Quanto aos componentes individualizados do PBE, percebeu-se que Relacionamento Social e Comportamento Preventivo têm maior frequência de resultado positivo, a passo que o componente Nutrição apresentou a maior frequência para resultado negativo, embora predominem resultados finais positivos e regulares para o perfil do EV. Os resultados foram socializados com a turma, enfatizando a necessidade de maior atenção às questões nutricionais, cuja abordagem carece de uma perspectiva sistêmica.

PALAVRAS-CHAVE: Bem-estar. Estilo de vida. Decisões econômicas.

ABSTRACT

This work included interventions in a young group of "Fishing Project" in the city of Blumenau, Santa Catarina, in the period between September and December 2011. The contents worked explored sustainability by addressing health and human welfare, economic psychology, systems thinking and ecological economics. Discuss sustainability from the perspective of human welfare, considering the behavior of individual economic decisions before triggering social and ecological aspects represented the overall goal. Raised the profile of the lifestyle - EV - the class through the Pentacle Welfare - PBE. As for the individual components of PBE, it was realized that Social Relationship and Preventive Behavior have a higher frequency of a positive result, whereas the Nutrition component showed the highest frequency for negative result, despite the prevalence and regular positive final results for the profile of the EV. The results were socialized with the class, emphasizing the need for greater attention to nutritional issues, whose approach lacks a systemic perspective.

KEYWORDS: Welfare. Lifestyle. Economic decisions.

Introdução

Entrelaçando saúde e bem-estar humano com psicologia econômica, pensamento sistêmico e economia ecológica, explorou-se a temática da sustentabilidade, considerando aspectos econômicos e ecológicos, relacionando-os aos fatores determinantes do bem-estar dos indivíduos. O estudo justifica-se, pois o estilo de vida de cada indivíduo, bem como suas escolhas pessoais produzem

1 Mestra em Ciência e Tecnologia Ambiental - UNIVALI. Professora na Universidade Regional de Blumenau - FURB. E-mail: agwagner@fameg.edu.br

2 Mestre em Administração – UNIVALI. Professor na Universidade do Vale do Itajaí – UNIVALI. E-mail: jraltoff@gmail.com

impactos socioambientais que carecem de uma abordagem sistêmica, incluindo uma análise dos fatores que interferem nas decisões econômicas de cada pessoa (RIBEIRO, 2000; MARIOTTI, 2010; TOLOTTI, 2007; FERREIRA, 2008).

A discussão dos conteúdos ocorreu durante intervenções realizadas na turma de jovens do Projeto Pescar em Blumenau - SC. Este projeto oferece a estudantes do ensino médio formação pessoal e profissional por meio de cursos que abordam diversos temas. Depois da qualificação profissional e a formatura na Unidade Pescar, que leva entre 8 e 11 meses, esses jovens são encaminhados para o mercado de trabalho.

Os conteúdos foram trabalhados durante as aulas do tema Ecologia, que iniciou pelos conceitos fundamentais da ecologia como ciência, evoluindo até aspectos relacionados às decisões econômicas e seus impactos sob a perspectiva social e ecológica.

Sustentabilidade, neste artigo, refere-se à garantia de condições que permitem atender às necessidades da geração presente, sem comprometer o atendimento das necessidades das gerações futuras. Exprime também o respeito à capacidade de absorção e regeneração dos ecossistemas. Considerou-se desenvolvimento sustentável, nesta pesquisa, o modelo de desenvolvimento condizente com a sustentabilidade. (MÉRICO, 1996; SEIFFERT, 2007).

O objetivo geral deste artigo é discutir a sustentabilidade pela perspectiva do bem-estar humano, considerando o comportamento do indivíduo diante de decisões econômicas que desencadeiam aspectos sociais e ecológicos. Definiram-se como objetivos específicos: analisar os fatores determinantes do bem-estar humano; identificar, por meio da psicologia econômica, os elementos fundamentais que influenciam os indivíduos nas suas decisões econômicas; apresentar, considerando o pensamento sistêmico, relações entre economia, psicologia e ecologia; relacionar as decisões econômicas individuais com o desequilíbrio ecológico e os problemas sociais, com base na proposta de desenvolvimento sustentável. Para tanto, este texto inicialmente analisa os temas EV, BE e QV – qualidade de vida, considerando a influência deles na discussão relacionada à sustentabilidade. A seguir, apresenta-se a psicologia econômica e o pensamento sistêmico, visando apontar a interdependência presente entre as decisões de produção e consumo, por exemplo, e os impactos ecológicos e sociais decorrentes do estilo de vida dos indivíduos. Por fim, aborda-se o PBE, conforme Nahas (2001), apresentando o perfil do EV do grupo estudado, bem como um quadro dos temas trabalhados durante as intervenções referentes ao tema ecologia com os referidos estudantes.

Estilo de vida

A sociedade contemporânea tem privilegiado um estilo de vida - EV- baseado no consumo de bens materiais, na extração de recursos naturais e na produção de resíduos. A lógica capitalista do “quanto mais, melhor” tem sido, ao menos em parte, responsável por impregnar valores que levaram os indivíduos a primar pelo ter ao invés do ser. Desencadeou-se um fluxo produtivo incapaz de ser suportado pela biosfera, exigindo uma revisão de crenças, comportamentos e ações dos governos, do setor empresarial e da sociedade civil.

“Cada indivíduo, país ou sociedade, ao adotar seu estilo de vida, é responsável pelos impactos que produz sobre o meio ambiente” (RIBEIRO, 2000, p. 65). Mesmo reconhecendo que isoladamente não conseguiremos estruturar uma nova sociedade, é importante ressaltar que o indivíduo tem sua responsabilidade pessoal perante o desequilíbrio socioambiental que vem se ampliando nas últimas décadas. Não é possível conceber que novas crenças, valores e comportamentos sejam desencadeados somente pelo Estado ou pela iniciativa empresarial.

A solução para esses problemas ambientais encontra-se dentro de nós e está intimamente ligada às nossas escolhas. A solução deve começar com o indivíduo e com o compromisso de resistir às forças do consumismo global em favor de uma concepção que vê o planeta como nosso lar – hoje correndo risco por causa das políticas que não dão valor aos bens e serviços ambientais (MORAN, 2008, p. 232).

Pesquisas têm demonstrado que o EV da sociedade contemporânea, baseado em atividade física reduzida; ingestão exagerada de açúcar, gorduras e álcool; peso corporal elevado está associado a diversas doenças crônico-degenerativas e a redução da QV - qualidade de vida (GORDIA et al., 2009). Os fatores de risco para doenças crônicas podem iniciar na adolescência, e esta fase da vida pode ser considerada chave para intervenções e modificações de hábitos e comportamentos, melhorando a QV.

Segundo Nahas (2001, p. 11), “estilo de vida representa o conjunto de ações habituais que refletem as atitudes, os valores e as oportunidades na vida das pessoas.” O EV das pessoas determina, em conjunto com outros fatores, a saúde dos indivíduos, grupos e comunidades. Com os avanços da medicina e da saúde pública, os riscos para a saúde e o bem-estar - BE - estão concentrados no comportamento individual que resulta tanto da informação quanto da vontade do indivíduo, e igualmente das barreiras e oportunidades encontradas na sociedade. Para Seidl e Zannon (2004), saúde e doença são processos contínuos, relacionados a aspectos econômicos, socioculturais, à experiência pessoal e ao EV.

Bem-estar

A definição de BE contempla fatores objetivos e subjetivos, resultando de fatores que poderão variar de pessoa para pessoa, entre sociedades e períodos históricos, derivando de aspectos culturais, ambientais e socioeconômicos. O BE também está associado ao EV de um indivíduo ou de uma comunidade, representando um objetivo a ser alcançado. A revisão da literatura nos indica que não existe consenso sobre o conceito de BE.

A noção de BE contempla, frequentemente, aspectos da saúde. Proporcionar saúde representa, além de evitar doenças e prolongar a vida, garantir meios e situações que ampliem a QV vivida, ampliando a autonomia e o padrão de BE, que são valores definidos socialmente, traduzindo escolhas de uma sociedade. A intervenção sanitária reflete não somente a dimensão objetiva dos agravos e dos fatores de risco, mas também aspectos subjetivos, relativos, conseqüentemente, às representações sociais de saúde e doença (BUSS, 2000). Nahas et al. (2000) explica que o BE é entendido como uma integração harmoniosa entre os componentes emocionais, físicos, mentais e espirituais, representando uma percepção resultante de uma avaliação subjetiva individual.

Qualidade de vida

A qualidade da vida (QV) humana é acompanhada mundialmente pelo Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). Este indicador, uma medida geral e sintética, considera o Produto Interno Bruto (PIB) *per capita*, a longevidade e a educação (PNUD, 2011).

Pilon (2005) considera que QV representa muito mais uma questão de processo do que de produtos, pois depende tanto da cultura vigente, do meio ambiente, da organização social, das redes de apoio contra os estigmas quanto do clima familiar, da vizinhança, dos grupos de filiação e referência, dos possíveis espaços de vivências alternativos. Nahas (2001, p. 5) explica a QV por uma visão holística: “a condição humana resultante de um conjunto de parâmetros individuais e sócio-ambientais [sic], modificáveis ou não, que caracterizam as condições em que vive o ser humano.” Os parâmetros que influenciam a QV de indivíduos ou grupos são divididos em dois conjuntos. Parâmetros socioambientais: moradia, transporte, segurança; assistência médica; condições de trabalho e remuneração; educação; opções de lazer; meio ambiente; etc. Parâmetros individuais: hereditariedade; EV (hábitos alimentares, controle do estresse, atividade física habitual, relacionamentos, comportamento preventivo).

Gordia et al. (2009) explicam que o construto QV é marcado pela subjetividade, limitando as tentativas de quantificação dos aspectos referentes a QV. As dificuldades derivam tanto das questões subjetivas quanto da multidimensionalidade do construto. Os métodos de avaliação e instrumentos

de coleta de dados devem permitir que a própria pessoa avalie a sua QV. A metodologia de pesquisa deverá estar baseada na perspectiva da população ou dos pacientes e não na visão de cientistas e de profissionais de saúde. A Organização Mundial da Saúde, definindo QV de forma multicêntrica, buscou respeitar diferenças culturais para que a definição pudesse ser adotada internacionalmente. QV representa “a percepção do indivíduo sobre a sua posição na vida, no contexto da cultura e dos sistemas e valores nos quais ele vive, e em relação a seus objetivos, expectativas, padrões e preocupações.” (SEIDL; ZANNON, 2004, p.583).

Não há consenso sobre uma definição de QV, pois o construto deve ser capaz de elaborar uma síntese cultural de todos os elementos que uma sociedade considera no seu padrão de conforto e BE, sintetizando o padrão que a própria sociedade estabelece e busca de modo consciente ou não. QV abrange muitos significados, refletindo conhecimentos, experiências e valores de indivíduos e coletividades que a ela se reportam em épocas, espaços e histórias diferentes, resultando de uma construção social com a marca da relatividade cultural (MINAYO; HARTZ; BUSS, 2000). Para estes autores, a avaliação de QV envolve três aspectos relevantes: histórico, cultural e estratificação social. O momento histórico de uma sociedade, bem como seu nível de desenvolvimento econômico, social e tecnológico refletirá na avaliação do indivíduo. Os valores sociais e a cultura determinarão os anseios e necessidades de um povo. O terceiro aspecto está relacionado à posição social que o indivíduo ocupa e aquela que almeja alcançar.

Com a discussão do desenvolvimento sustentável, a noção de QV incorpora variáveis ecológicas, questionando o consumismo e a lógica capitalista. Para Mariotti (2010, p.46), a “sustentabilidade é incompatível com a unilateralidade.” O autor explica que a economia predominante atualmente reduziu-se às finanças, excluindo quase completamente sua dimensão social, tornando-a unilateral, insensível e excludente. Para haver sustentabilidade, opostos aparentemente inconciliáveis precisam conviver.

Minayo; Hartz e Buss (2000) destacam que em todas as sondagens realizadas, a QV também incorpora valores não materiais como amor, liberdade, solidariedade e inserção social, realização pessoal e felicidade. Estes valores subjetivos, resultantes de uma representação social, somados a fatores materiais vão constituir a condição de vida de um indivíduo. Apesar de os aspectos subjetivos da noção de QV não se pode ignorar as questões objetivas como casa, comida, educação, trabalho, acesso à água, lazer, saúde, etc. Desemprego, violência e exclusão social são fatores relacionados à negação da QV.

Psicologia Econômica

O EV de um indivíduo está associado aos seus hábitos, resulta de suas decisões. Discutir de que modo a psicologia econômica – PE – está relacionada aos aspectos presentes no EV, e também no nível de BE de um indivíduo ou grupo é o objetivo desta seção.

Van Raaij, importante pesquisador da interface economia/psicologia, explica que

[...] os determinantes das decisões econômicas envolvem fatores pessoais (personalidade, estilo cognitivo, estilo de vida, normas e valores sociais que estimulam ou inibem certos comportamentos); fatores religiosos e culturais; fatores situacionais (renda disponível, tamanho da família, tipo de casa e situação do mercado) além de fatores econômicos em geral (percepção da distribuição de renda, taxa de inflação e de juros, nível de desemprego e política econômica do governo) (VAN RAAIJ, 1981apud HOFFMAN e PELAEZ, 2011, p. 272).

A PE tem entre seus objetivos compreender de que forma os fenômenos econômicos influenciam a vida dos indivíduos e, conseqüentemente, como o comportamento destes pode afetar a economia.

A ciência econômica, sobretudo a teoria neoclássica, tem privilegiado em seu arcabouço

teórico pressupostos estritamente racionais. O método dedutivo-lógico eliminou o componente psicológico da análise econômica. O modelo de expectativas racionais, a economia da informação, o equilíbrio na teoria dos jogos, a precificação de ativos com base no binômio risco e retorno, etc., permitiram a exclusão dos fatores psicológicos da análise científica dos investimentos (COSTA, 2009). Outras decisões econômicas que envolvem produção e consumo, por exemplo, foram analisadas, especialmente pela ótica da racionalidade, eliminando componentes subjetivos da discussão.

A PE desafia o modelo do *homo economicus* ao afirmar que, na maioria das vezes, os agentes econômicos sofrem o controle de um pequeno sabotador que desarma as funções racionais do cérebro e da psique (PACHECO E CHAVES; LOPES; MARQUES, 2009). Para estes autores, a PE amplia a compreensão dos processos de tomada de decisão, ao promover uma discussão interdisciplinar entre a Psicologia, a Sociologia, a Economia, a Antropologia e, recentemente, as Neurociências. Diversos fatores interferem no processo de se tomar uma decisão, envolvendo desde fatores externos: contexto social, histórico, econômico e político a fatores pessoais: história de vida, experiência, conhecimento e características psicológicas.

Tolotti (2007) e Ferreira (2008) discutem a relação subjetiva que o homem mantém com o dinheiro, apresentando também de que modo a economia está vinculada tanto às finanças quanto ao afeto.

Considerando as demandas do mundo atual, que incluem as discussões relacionadas à sustentabilidade, a civilização humana precisará se preparar para um novo mundo, tornando-se necessário que todos se esforcem em utilizar as quatro funções da proposta junguiana.

A sensação para obter o maior número de dados concretos sobre a presente situação do planeta. A intuição para projetar para o futuro. O pensamento para tomar decisões que poderão ser duras, mas que provavelmente são necessárias, de maneira lógica e impessoal. E o sentimento para que não se perca de vista que a Economia e a Política, como já dizia Aristóteles, deviam existir para servir às pessoas, e não as pessoas à Economia. (PACHECO E CHAVES; LOPES; MARQUES, 2009, p. 116).

Partindo desta ideia de que a economia deve servir as pessoas e não o contrário, torna-se necessário reverter o quadro atual, baseado na ênfase capitalista do “quanto mais melhor,” para um pensamento econômico coerente com a valorização da vida, não somente humana, mas também de outras espécies.

Pensamento Sistêmico

Analisando a sustentabilidade valendo-se de uma perspectiva sistêmica – PS, considera-se que o EV, a PE e as questões ecológicas são partes interdependentes de um sistema, e essas partes são pensadas em conjunto, sem perder de vista os componentes do todo. Desse modo, interligadas, devido à sinergia obtida, as partes geram propriedades emergentes. Essas propriedades, consideradas inovações, dificilmente apareceriam se fossem pensadas separadamente (MARIOTTI, 2010).

Morin (2009, p.15) considera que a divisão disciplinar das ciências trouxe vantagens, “[...] mas também os inconvenientes da superespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira.” Reforçando essa argumentação, Mariotti (2010, p. 17), explica que o pensamento complexo viabiliza importantes observações sobre a crise do pensamento linear-binário-cartesiano - PC, explicando que “um dos grandes equívocos da modernidade foi supor que o corpo é separado da mente, que a razão é separada das emoções e que a objetividade é independente da subjetividade.” O PC possibilitou e possibilitará o surgimento de conhecimentos importantes e úteis, e o mesmo ocorrerá com a PS. A integração desse conjunto de saberes – visão sistêmica e linear-cartesiana – é necessária para a complexidade do mundo real, esta religação de saberes constitui o pensamento complexo.

Para Senge et al. (2009), muitos preferem a negação ao enfrentamento de problemas difíceis como os relacionados à sustentabilidade. Um dos motivos dessa negação é sair da zona de conforto intelectual e institucional, porém as evidências denunciam a necessidade de colaboração entre as pessoas, sendo justamente a cooperação o lado humano do pensamento sistêmico.

Materiais e Métodos

O referencial teórico, apresentado parcialmente neste artigo, fundamentou as intervenções realizadas na referida turma. Anteriormente às aulas do tema Ecologia foi aplicado um instrumento de coleta de dados denominado Pentáculo do Bem-Estar – PBE (NAHAS, 2001), visando identificar o perfil do EV do grupo em questão.

A metodologia das aulas foi expositivo-dialogada, com recursos audiovisuais e exercícios em grupo. As aulas do tema Ecologia ocorreram entre setembro e dezembro de 2011, e no encerramento do último encontro foi reaplicado o PBE.

A população amostral foi de 15 estudantes, representando estes aproximadamente 90% do grupo, formado por estudantes do ensino médio, que frequentam o Projeto Pescar no contraturno do horário escolar, realizando atividades diversas de formação pessoal e profissional. Os estudantes ausentes nas datas de coleta de dados não fizeram parte da pesquisa. Além de cursos, os integrantes do grupo participam de palestras, realizam visitas técnicas, desenvolvem trabalhos em grupo e individual, sendo alguns destes de cunho social. Exige-se que os estudantes inseridos no referido grupo estejam frequentando a escola e não podem realizar atividade remunerada enquanto estão envolvidos com o projeto. O objetivo central dessa exigência é que o estudante tenha condições amplas de vivenciar todas as oportunidades proporcionadas aos participantes, bem como cumprir com suas obrigações escolares.

A Fundação Projeto Pescar é uma organização não governamental, sem fins lucrativos, que tem como Mantenedoras empresas e instituições privadas e públicas. A expertise do Projeto Pescar, nestes 35 anos dedicados à educação e capacitação profissional, é hoje compartilhada com Organizações Parceiras, que mantêm suas próprias Unidades Pescar e encaminham os Jovens formados ao mercado de trabalho. (FUNDAÇÃO PROJETO PESCAR, 2012).

O grupo pesquisado está alocado na Unidade Pescar de Blumenau – SC, sendo a organização franqueada responsável pelo Projeto Pescar no âmbito regional. A Fundação Projeto Pescar implementa suas unidades por meio de um regime de franquias social, viabilizando a disseminação desta proposta voltada ao desenvolvimento humano e social, em que organizações socialmente responsáveis podem promover oportunidades de preparação de adolescentes, estendendo “[...]os benefícios da educação e da formação técnica a um segmento da população com poucas possibilidades de progresso pessoal e profissional, contribuindo assim para um desenvolvimento comunitário sustentado.” (FUNDAÇÃO PROJETO PESCAR, 2012).

Com a perspectiva do desenvolvimento sustentável, as aulas do tema Ecologia focaram tanto a dimensão social, econômica e ambiental deste modelo de desenvolvimento quanto evidenciaram o papel do indivíduo na construção de uma sociedade mais justa, considerando uma economia solidária e um sistema ecológico equilibrado. Partindo dessa ênfase no indivíduo frente às questões inerentes a temática sustentabilidade, decidiu-se aplicar o instrumento de coleta de dados PBE, identificando aspectos do EV dos indivíduos consultados.

Pentáculo do Bem-Estar

O EV e a saúde de cada um resultam tanto de responsabilidade individual quanto

da sociedade de um modo em geral. O perfil do EV, derivado do PBE é um instrumento simples, autoadministrado, que inclui cinco componentes fundamentais do EV das pessoas e que, reconhecidamente, interferem na saúde geral. Para este trabalho, o instrumento foi aplicado em um grupo de jovens de 16 e 17 anos, com o objetivo de relacionar o EV com as questões de sustentabilidade. Os aspectos avaliados estão associados ao BE psicológico e a doenças crônico-degenerativas, como o infarto do miocárdio, o derrame cerebral, o diabetes, a hipertensão, a obesidade e a osteoporose (NAHAS, 2000). Apresentam-se a seguir, os componentes do PBE.

Nutrição: Verifica-se o consumo de frutas e verduras, a ingestão de alimentos gordurosos e doces e o número de refeições diárias (NAHAS, 2001). Segundo Nahas, Barros e Francalacci (2000), os hábitos alimentares atuais têm provocado um surto de obesidade no mundo, desencadeando os desequilíbrios provocados pelo excesso de peso.

Atividade Física: Nahas (2001) explica que exercício físico não é sinônimo de atividade física, visto que ela abrange desde atividades ocupacionais como o trabalho, atividades cotidianas como vestir-se, até atividades de lazer e exercícios físicos. Este último corresponde a uma forma de atividade física planejada, estruturada, repetitiva que visa o desenvolvimento da aptidão física, de habilidades motoras ou a reabilitação orgânico-funcional. São avaliados no PBE: a frequência das atividades, o tipo e ações cotidianas como usar escadas e bicicleta como meio de transporte.

Controle do Estresse: Nahas (2001, p. 177) defende que para se entender o que é estresse é necessário compreender o que representa a homeostase: “[...] estado de equilíbrio dos vários sistemas do organismo entre si e do organismo como um todo com o meio ambiente.” Estresse significa o processo de resposta do organismo que, sendo submetido a estímulos que exigem adaptação, busca recuperar a homeostase. Nahas, Barros e Francalacci (2000) explicam que mais importante que o estresse, a maneira como reagimos aos agentes estressantes é o que afeta a saúde e a QV. São abordados os aspectos: tempo diário reservado para relaxar, equilíbrio entre trabalho e lazer e o comportamento apresentado quando contrariado em uma discussão.

Relacionamento social: Nahas (2001, p. 20) aborda as amizades, as atividades esportivas em grupo, a participação em associações ou entidades sociais, além do envolvimento em atividades da comunidade. Reforçando a importância dos relacionamentos, Mariotti (2010, p. 7) afirma que “[...] a mentalidade excludente acaba por conduzir a autoexclusão. Não é à toa que o isolamento e o sentimento de solidão são tão presentes em nossa cultura.”

Comportamento Preventivo: Nahas, Barros e Francalacci (2000) expõem que ao se tratar de comportamentos relacionados à saúde torna-se fundamental avaliar os aspectos referentes à prevenção. São avaliados neste componente, consumo de álcool e cigarro, conhecimento dos níveis de pressão arterial e colesterol, o respeito às normas de trânsito, etc.

Resultados e discussão

Esta seção apresenta os resultados obtidos nas duas coletas de dados, bem como alguns elementos que integraram os conteúdos das intervenções, relacionando-os ao PBE.

A Figura 1 apresenta os dados coletados antes das aulas do tema Ecologia. Percebe-se que, de um modo em geral, predominam resultados finais positivos e regulares, demonstrando, inclusive, que nenhum perfil do EV da turma pesquisada atingiu resultado final negativo. Em relação aos componentes individualizados do PBE, percebe-se que Relacionamento Social e Comportamento Preventivo têm maior frequência de resultado positivo, ao passo que o componente Nutrição apresentou a maior frequência (5) para resultado negativo.

Convém aqui lembrar Gordia et al. (2009), que explica que os fatores de risco para doenças crônicas podem ter início na adolescência, fase da vida dos indivíduos pesquisados. Discutir aspectos nutricionais com esses jovens é relevante frente ao resultado obtido para o componente Nutrição do PBE.

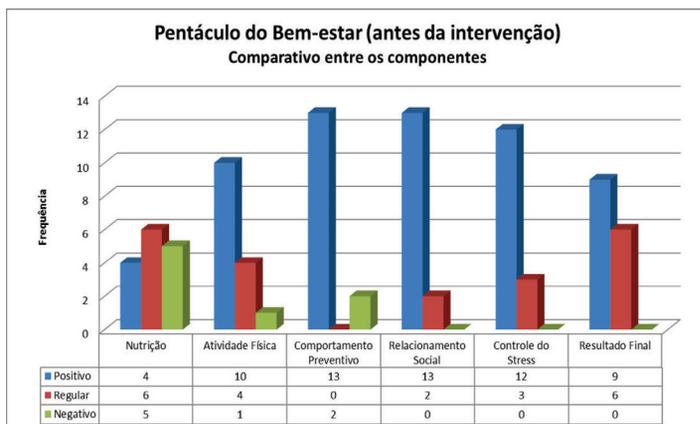


Figura 1 – Pentáculo do Bem-estar antes da intervenção
Fonte: autoria própria

A Figura 2 apresenta os dados coletados após as aulas do tema Ecologia. Ressalta-se que no intervalo entre as aplicações do PBE também ocorreram intervenções relacionadas a outros temas inerentes à programação do Projeto Pescar. De qualquer modo, o que se pretende aqui é visualizar dois momentos distintos de avaliação do perfil do EV, mesmo reconhecendo que inúmeras variáveis, cuja discussão não é objetivo deste trabalho, interferiram nos resultados capturados.

De acordo com os dados obtidos, percebe-se que de um modo em geral continuaram predominando resultados finais positivos e regulares. Nenhum perfil do EV da turma pesquisada atingiu resultado final negativo. Quando analisados individualmente, os componentes do PBE, com maior frequência de resultado positivo continuam sendo Relacionamento Social e Comportamento Preventivo. O componente Nutrição continuou apresentando a maior frequência para resultado negativo, embora tenha ocorrido uma redução entre as duas coletas de dados, de 5 para 3.

Destaca-se que na primeira coleta (Figura 1), o componente Controle do Stress obteve frequência nula, ao passo que na coleta seguinte (Figura 2), esse componente apresentou resultado negativo com frequência igual a dois.

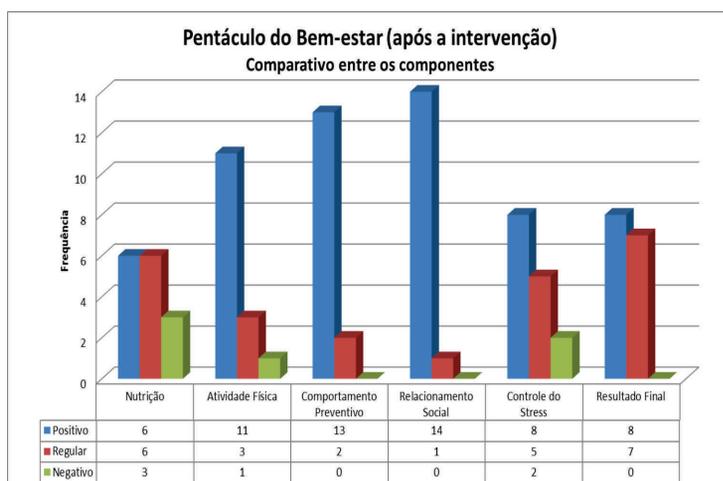


Figura 2 – Pentáculo do Bem-estar após a intervenção
Fonte: autoria própria

Observando a Figura 3 percebem-se os resultados obtidos individualmente para cada componente do PBE. Resultados de 0 a 0,99 indicam perfil negativo, entre 1 a 1,99 corresponde a um resultado regular, sendo positivos os resultados entre 2 e 3.

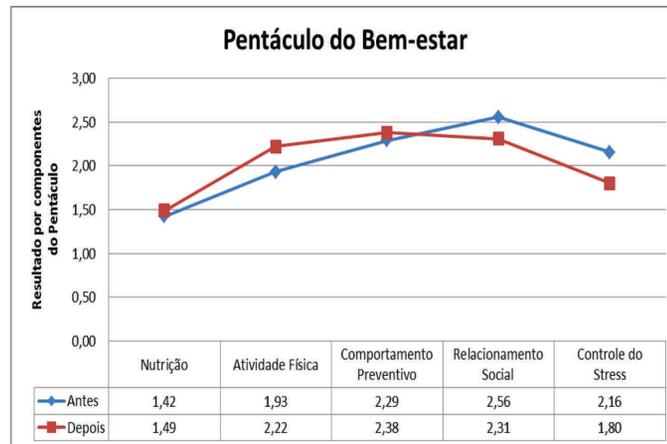


Figura 3 – Resultados por componente do PBE

Fonte: autoria própria

O componente Nutrição (Figura 3) obteve resultados negativos nas duas coletas, sendo que na última houve um incremento de 0,07, correspondendo a uma melhora de 4,9% no resultado. Em relação ao componente Controle do Estresse, o resultado inicial indicava uma classificação positiva (2,16), observando-se uma queda na segunda coleta (1,80), classificando-o como regular. Neste caso a redução corresponde a 16,7% (0,36).

Em relação aos resultados positivos, eles foram obtidos para os componentes Comportamento Preventivo (2,29 e 2,38) e Relacionamento Social (2,56 e 2,31) nas duas coletas, indicando que o componente Atividade Física (2,22) somente foi positivo na segunda coleta de dados.

Os resultados obtidos com a aplicação do PBE foram socializados com o grupo no mês de março de 2012. Durante a socialização, cada estudante pode verificar individualmente seu perfil do EV, percebendo qual componente deve merecer maior atenção, considerando tanto o grupo quanto cada jovem integrante do Projeto Pescar.

Finalizando o trabalho, observou-se a interação sustentabilidade-psicologia econômica, considerando a escolha da alimentação do indivíduo como decisão econômica geradora de efeitos ecológicos e sociais.

Conteúdos trabalhados nas intervenções

Os conteúdos foram discutidos com os estudantes, sobretudo numa perspectiva sistêmica. Resumidamente, serão apresentados alguns elementos dessas discussões, apontando o respectivo componente do PBE atrelado a estes elementos. Em alguns casos os elementos envolveram mais de um componente. As discussões não ocorreram nesta ordem, pois os elementos foram mesclados ao longo das intervenções.

Fundamentando as discussões, Tolotti (2007, p.27) defende que tanto para a ecologia quanto para a economia, “[...] o problema está no excesso, e quando o limite do consumo é ultrapassado, as perdas são muitas, indo do endividamento ao sofrimento desmedido.”

Os conteúdos discutidos com os estudantes foram sintetizados na Figura 4.

<p>Nutrição: consumo de carne, implicações econômicas e ecológicas conceituação sistêmica de Meio Ambiente cadeia alimentar e níveis tróficos ecologismo e visão sistêmica entropia e economia ecológica</p>	<p>Comportamento Preventivo respeito às normas sociais cultura ecológica todo ser vivo é consumidor ser consumidor é diferente de ser consumista valores morais x condições sustentáveis harmonia entre o poder e o dever: o que eu posso fazer está subordinado àquilo que eu devo ou não fazer (Ex: posso ter 200 pares de sapatos e/ou tomar 5 engradados de cerveja e sair dirigindo, mas não devo fazer; posso “cortar” o morro, impermeabilizar o terreno com calçadas, ignorar o lixo no rio, mas não devo).</p>
<p>Atividade Física: Sedentarismo e Uso do automóvel: efeitos no meio ambiente e na mobilidade urbana</p>	<p>Controle do Stress: equilíbrio e desequilíbrio ecológicos, através da ótica da complexidade grandes liquidações: efeitos ecológicos e no orçamento doméstico decisões econômicas x impactos ecológicos desequilíbrio nas finanças pessoais: consequências na saúde humana efeito manada na economia psicologia econômica.</p>
<p>Relacionamentos: conflitos de uso x solidariedade em relação à água individualismo x convívio social valores ecológicos, éticos e sociais civilização do ter x do ser mudança nos padrões de consumo sociedade pós-material: PIB X FIB (Felicidade Interna Bruta)</p>	

Figura 4 - Conteúdos trabalhados nas intervenções

Fonte: autoria própria

Considerações finais

A sustentabilidade é um tema muito amplo que exige variada gama de abordagens para ser compreendida. Implica estudar variáveis sociais, econômicas e ambientais que se inter-relacionam e são interdependentes. Para muito estudiosos, este tema representa um novo paradigma, isto é, uma nova visão de mundo que tem refletido uma preocupação recente da sociedade em relação à perpetuação da espécie humana e das demais espécies vivas.

Em relação aos objetivos propostos para este trabalho, considera-se que eles foram atendidos, embora eles mereçam maior aprofundamento em trabalhos futuros. Relacionar psicologia econômica com sustentabilidade representa um importante desafio para pesquisadores de diversas áreas, especialmente para compreender como as decisões econômicas, o EV e o BE estão inter-relacionados. Compreensão esta que carece de uma abordagem sistêmica, permeada pelo pensamento complexo.

Quanto aos resultados obtidos com o PBE, eles evidenciam, principalmente, que para o grupo de jovens pesquisado, os aspectos nutricionais precisam de maior atenção, embora, de um modo em geral, os resultados finais do perfil do EV tenham demonstrado o predomínio de resultados positivos e regulares. De qualquer forma, o fator nutricional precisa ser encarado de modo sistêmico, observando as discussões realizadas durante as intervenções.

Referências

- BUSS, Paulo Marchiori. **Promoção da saúde e qualidade de vida**. Ciências e saúde coletiva. v.5, n.1, p.163-117, 2000.
- COSTA, Fernando Nogueira da. **Economia comportamental: de volta à filosofia, sociologia e psicologia**. Texto para Discussão. IE/UNICAMP, Campinas, n. 173, dez. 2009. ISSN 0103-9466.
- FERREIRA, Vera Rita de Mello. **Psicologia Econômica: estudo do comportamento econômico e da tomada de decisão**. RJ: Elsevier, 2008.
- FUNDAÇÃO PROJETO PESCAR. **Projeto pescar**. Disponível em: <http://www.projetopescar.org.br/conteudo/conteudo_site.asp?InCodTipoConteudo=1>. Acesso em 20 out. 2012.
- GORDIA, Alex Pinheiro; QUADROS, Teresa M. B.; CAMPOS, Wagner de; PETROSKI, Édio. **Domínio Físico da Qualidade de Vida entre Adolescentes: Associação com Atividade Física e Sexo**. *Rev. salud pública*. v. 11, n.1, p. 50-61, 2009.
- HOFMANN, Ruth; PELAEZ, Victor. A psicologia econômica como resposta ao individualismo metodológico. *Revista de Economia Política*, vol. 31, v.122, n. 2, p. 262-282, abril-junho/2011.
- MARIOTTI, Humberto. **Pensamento complexo: suas aplicações à liderança, à aprendizagem e ao desenvolvimento sustentável**. 2ed. SP: Atlas, 2010.
- MERICO, Luiz Fernando Krieger. **Introdução à economia ecológica**. Blumenau: Ed. FURB, 1996.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; HARTZ, Zulmira Maria de Araújo; BUSS, Paulo Marchiori. Qualidade de vida e saúde: um debate necessário. *Ciências e saúde coletiva*, v.5, n.1, p.7 – 18, 2000.
- MORAN, Emilio F. **Nós e a natureza**. SP: Senac, 2008.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. RJ: Bertrand Brasil, 2009, 16 ed.
- NAHAS, Markus Vinícius. **Atividade física, saúde e qualidade de vida: conceitos e sugestões para um estilo de vida ativo**. Londrina: Midiograf, 2001, 2ed.
- NAHAS, Markus V.; BARROS, Mauro V.G. de; FRANCALACCI, Vanessa. O Pentágulo do Bem-estar: base conceitual para avaliação do estilo de vida de indivíduos ou grupos. *Revista brasileira atividade física e saúde*, v.5, n.2, p. 48-59, 2000.
- PACHECO e CHAVES, Anna Mathilde; LOPES, Rose Mary Almeida; MARQUES, Sonia. A contribuição da Psicologia Analítica para a compreensão do comportamento econômico. *Revista de Economia & Relações Internacionais*, v.8, n.15, 2009, p. 105-117.
- PILON, André Francisco. Ocupação existencial do mundo: uma proposta ecossistêmica. In: PHILIPPI JR., Arlindo; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. **Educação Ambiental e sustentabilidade**. SP: Manole, 2005.
- PNUD. **IDH**. Disponível em <<http://www.pnud.org.br/idh/>> Acesso em 08 set.11.
- RIBEIRO, Maurício Andrés. **Ecologizar**. BH: Rona, 2000.
- SENGE, Peter. **A revolução decisiva: como indivíduos e organizações trabalham em parceria para criar um mundo sustentável**. RJ: Elsevier, 2009.
- SEIDL, Eliane M. F.; ZANNON, Célia M. L. C.; Qualidade de vida e saúde: aspectos conceituais e metodológicos. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v.20, n.2, p.580-588, mar/abr, 2004.
- SEIFFERT, Mari Elizabete Bernardini. **Gestão ambiental: instrumentos, esferas de ação e educação ambiental**. SP: Atlas, 2007.
- TOLOTTI, Márcia. **As Armadilhas do consumo: acabe com o endividamento**. Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2007.